

AGTU MESTRADO EM EDUCAÇÃO – ESPECIALIZAÇÃO EM ESG

Governança, Responsabilidade Social e Meio Ambiente

GISELMA ROXA DE ARAÚJO DE ABREU

Reflexão sobre as bases teóricas da *cognição humana* de Steven Pinker e da *consciência* de Antônio Damásio.

**Disciplina: DIGITAL COMPETENCES AND
NEUROSCIENCES**

SÃO JOSÉ DOS PINHAIS, 22 DE JUNHO DE 2025

Resumo

Este artigo examina a interdependência entre cognição e emoção a partir das contribuições teóricas de Steven Pinker e António Damásio, complementadas por autores contemporâneos da neurociência e psicologia. Pinker (1999), em *Como a Mente Funciona*, defende que a mente humana é modular e evolutivamente moldada, com emoções funcionando como mecanismos adaptativos essenciais para decisões e interações sociais. Damásio (2022), por sua vez, propõe que a consciência emerge das emoções e dos sentimentos, sendo estes fundamentais para a deliberação racional. Estudos recentes de LeDoux, Barrett, Pessoa e Siegel reforçam que cognição e emoção não são processos isolados, mas interdependentes e integrados em redes neurais complexas. Essa visão reformula o entendimento da mente como um sistema lógico-emocional, com implicações significativas para áreas como psicologia, educação e neurociência. E revela que as emoções não apenas influenciam a cognição, mas são parte constitutiva do processo de tomada de decisão, apoiando as teses dos autores estudados.

Introdução

Durante muito tempo, emoção e razão foram vistas como forças antagônicas na explicação do comportamento humano. No entanto, autores contemporâneos como Steven Pinker e António Damásio têm demonstrado que essa dicotomia é insustentável à luz das descobertas da neurociência cognitiva. Em vez de serem opostas, cognição e emoção se entrelaçam profundamente, influenciando mutuamente a construção da consciência e das ações humanas. Este artigo se propõe a refletir, com base em uma experiência profissional concreta, sobre como essas dimensões se articulam, utilizando como base os referenciais teóricos supracitados. Ao longo da história da psicologia e da filosofia da mente, razão e emoção foram frequentemente concebidas como esferas opostas, em que a racionalidade seria o pilar da tomada de decisões conscientes, enquanto a emoção seria vista como um ruído indesejado no processo cognitivo. Essa concepção dualista, enraizada na tradição cartesiana, começou a ser contestada a partir de avanços nas neurociências cognitivas, que demonstram a íntima relação entre sentir e pensar, entre emoção e cognição. Neste contexto, autores como Steven Pinker (1999) e António Damásio (2022) ofereceram importantes contribuições para a compreensão de como a mente funciona e de como a consciência emerge. Pinker, a partir da psicologia evolucionista, argumenta que a mente é composta por módulos especializados que se desenvolveram para resolver problemas adaptativos e que as emoções, longe de serem irracionais, são estratégias evolutivas que orientam comportamentos eficazes. Já Damásio propõe uma ruptura com o modelo cartesiano tradicional ao afirmar que a consciência é enraizada nas experiências corporais e emocionais, sendo os sentimentos fundamentais para a deliberação racional e a construção do self. Diante disso, este artigo tem como objetivo refletir sobre a interdependência entre cognição e emoção, com base nas perspectivas teóricas de Pinker e Damásio, complementadas por autores contemporâneos como Pessoa (2013), Barrett (2017), LeDoux (2020) e Siegel (2020). Para isso, será utilizada uma abordagem metodológica qualitativa e reflexiva, na qual uma experiência prática vivenciada em contexto profissional será analisada à luz das teorias discutidas. A proposta é evidenciar que cognição e emoção não são processos dissociados, mas dimensões complementares da mente humana e fundamentais para a formação da consciência.

2. Referencial Teórico

2.1 A cognição como sistema adaptativo – Steven Pinker

No capítulo 6 da obra *Como a mente funciona*, intitulado “Desvairados”, Steven Pinker (1999) defende que o funcionamento mental humano é produto da seleção natural, sendo a mente constituída por módulos especializados em resolver problemas adaptativos. Nesse contexto, as emoções não são falhas da racionalidade, mas mecanismos funcionais, esculpidos evolutivamente para orientar decisões, preservar a sobrevivência e facilitar a convivência em sociedades complexas.

Emoções como o medo, o ciúme e a raiva, por exemplo, são apresentadas como estratégias do sistema cognitivo para lidar com ameaças, competição e hierarquias sociais. Segundo Pinker (1999), a coexistência entre cognição racional e emocional não é paradoxal, mas funcional: a mente racional planeja e simula cenários, enquanto a mente emocional motiva, prioriza e aciona respostas rápidas. Assim, a emoção fornece a urgência e o valor subjetivo que mobilizam a razão, numa aliança dinâmica entre sentir e pensar.

Esse modelo modular tem sido ampliado por autores como Pessoa (2013), que destaca a interconectividade das estruturas neurais envolvidas na cognição e emoção, e por Barrett (2017), cuja teoria das emoções construídas propõe que as emoções são produzidas por processos cerebrais que combinam sensações, memórias e contexto cultural, sendo, portanto, cognições situadas.

2.2 Emoção como fundamento da consciência – António Damásio

António Damásio (2022), em *Sentir e saber*, propõe uma inversão da tradição cartesiana ao afirmar que “sentir” precede o “saber”. Para o autor, a consciência não emerge exclusivamente da razão, mas da interação entre processos homeostáticos corporais e os sentimentos que os acompanham. Esses sentimentos são, na visão do autor, o estágio refinado das emoções, funcionando como mapeamentos conscientes do corpo e da situação externa.

Por meio de casos clínicos, como o paciente “Elliot”, Damásio demonstra que indivíduos com lesões em áreas emocionais do cérebro, ainda que mantenham intactas suas funções lógicas, perdem a capacidade de tomar decisões eficazes. Isso comprova que a emoção não é um adorno, mas um componente estruturante da consciência e da racionalidade prática.

Esse entendimento é corroborado por LeDoux (2020), ao distinguir entre resposta emocional automática e experiência emocional consciente. Da mesma forma, Barrett (2017) argumenta que as emoções não são universais ou pré-programadas, mas sim construídas por processos cerebrais e experiências culturais. Nesse sentido, a emoção é uma forma de cognição que informa o sujeito sobre si e sobre o mundo.

2.3 Articulações com os autores clássicos da psicologia

As abordagens contemporâneas de Pinker e Damásio dialogam com autores clássicos como Vygotsky, Piaget e Luria. Para Vygotsky (2007), os processos afetivos e cognitivos são indissociáveis e mediados socialmente. A aprendizagem ocorre na

interação social e é influenciada por elementos emocionais que constituem o ambiente do sujeito.

Piaget (1975), ao tratar da afetividade, afirma que ela é condição indispensável para o desenvolvimento cognitivo, principalmente no que se refere à motivação para a aprendizagem e à construção do equilíbrio afetivo-intelectual. Luria (1981), por sua vez, ao estudar o funcionamento do cérebro, evidencia que os sistemas cerebrais da emoção, da linguagem e da memória operam de forma interdependente, sendo fundamentais para a autorregulação do comportamento humano.

Daniel Siegel (2020) também reforça essa visão integrativa ao argumentar que a maturação do cérebro emocional (sistema límbico) e do cérebro racional (neocórtex) é essencial para a formação da empatia, da consciência de si e da saúde mental. A ausência dessa integração pode gerar impulsividade, instabilidade emocional e dificuldades na tomada de decisão.

3. Relato de Experiência Profissional: Emoção na Tomada de Decisão

Durante minha atuação como coordenadora de equipe em uma instituição de saúde, enfrentei um episódio significativo envolvendo dois colaboradores em conflito por divergências na condução de um procedimento técnico. O ambiente tornou-se tenso e improdutivo. Minhas emoções iniciais foram de ansiedade e frustração, com o impulso de intervir diretamente e repreender ambos os profissionais. Contudo, optei por conter a reação imediata e escutar antes de agir.

Essa pausa foi decisiva para permitir a elaboração cognitiva do problema e o engajamento da empatia como ferramenta para compreender as motivações de cada parte. A escuta ativa, o reconhecimento emocional e a consideração dos sentimentos dos envolvidos foram determinantes para uma mediação bem-sucedida e a restauração do ambiente de trabalho.

Interpretando essa vivência à luz de Pinker (1999), percebe-se que a emoção — ansiedade — teve função adaptativa: sinalizou o conflito e impulsionou uma ação. No entanto, foi a cognição que modulou essa emoção e evitou uma resposta impulsiva. A mente, como sistema que simula cenários futuros, permitiu prever as possíveis consequências de uma intervenção reativa, optando por uma resposta mais planejada.

Já sob a ótica de Damásio (2022), essa decisão não foi alcançada apesar da emoção, mas precisamente por causa dela. O sentimento de empatia, fundamentado na experiência emocional consciente, permitiu uma deliberação ética e eficaz. Assim, a emoção atuou não apenas como gatilho da ação, mas como estrutura da consciência no processo decisório.

A experiência também dialoga com Vygotsky (2007), para quem o pensamento é moldado socialmente e influenciado por vínculos afetivos. Além disso, reflete o modelo de autorregulação proposto por Luria (1981), em que funções superiores como a linguagem e a memória trabalham em conjunto com os sistemas emocionais para organizar o comportamento. Nesse sentido, a mediação emocional racionalizada demonstrada no episódio revela a integração entre cognição e emoção como eixo central da consciência e da tomada de decisão ética no ambiente profissional.

Considerações Finais

A análise integrada das contribuições de Steven Pinker e António Damásio, aliada às perspectivas contemporâneas da neurociência cognitiva, permite compreender que a mente humana é um sistema profundamente interdependente, no qual razão e emoção coexistem de maneira funcional e complementar. Pinker nos mostra que as emoções são produtos da evolução, servindo como guias adaptativos que moldam o comportamento humano em contextos sociais e de sobrevivência. Damásio, por sua vez, evidencia que a consciência emerge do corpo e das emoções, e que os sentimentos constituem a base essencial para a deliberação consciente. A experiência prática analisada ao longo deste trabalho, quando confrontada com esse embasamento teórico, revelou a importância das emoções nos processos decisórios e na construção de significados pessoais e profissionais. As emoções, longe de comprometer a racionalidade, fornecem-lhe direção, urgência e valor — aspectos indispensáveis para o pensamento consciente e ético. Autores como Pessoa, Barrett, LeDoux e Siegel reforçam essa concepção ao demonstrar, em diferentes frentes da psicologia e da neurociência, que a separação entre cognição e emoção é artificial. Pensar e sentir não são processos concorrentes, mas entrelaçados em uma dinâmica que sustenta a própria noção de identidade e autoconsciência. Portanto, compreender a emoção como parte constitutiva da cognição é não apenas uma exigência teórica, mas também uma necessidade prática para lidar com os desafios da vida pessoal e profissional. Ao integrar emoção e razão, favorece-se a tomada de decisões mais humanas, conscientes e éticas. Essa integração deve ser incentivada em contextos educativos, terapêuticos e institucionais, contribuindo para o desenvolvimento de indivíduos mais autônomos, empáticos e conscientes de si.

Referências

BARRETT, Lisa Feldman. *Como as emoções são feitas: A vida secreta do cérebro*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2017.

DAMÁSIO, António R. *Sentir e saber: As origens da consciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

LEDOUX, Joseph. *The deep history of ourselves: The four-billion-year story of how we got conscious brains*. New York: Viking, 2020.

LURIA, Aleksandr Romanovich. *O funcionamento do cérebro*. São Paulo: Pioneira, 1981.

PESSOA, Luiz. *The cognitive-emotional brain: From interactions to integration*. Cambridge, MA: MIT Press, 2013.

PIAGET, Jean. *A afetividade na psicologia do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

PINKER, Steven. *Como a mente funciona*. Canadian, Ottawa, v. 40, n. 3, p. 279-281, ago. 1999.

SIEGEL, Daniel J. *The developing mind: How relationships and the brain interact to shape who we are*. 3. ed. New York: Guilford Press, 2020.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 2007